

## A "epidemia" que matará mais que o câncer

### Biologia & Ciências

Enviado por: \_analazz@seed.pr.gov.br

Postado em:20/03/2018

Como conter resistência a antibióticos, &lsquo;epidemia&rsquo; que matará mais que o câncer

Especialistas de todo o mundo propõem iniciativas para acabar com a resistência aos antibióticos

Os que hoje têm 80 anos nasceram e passaram sua infância sem antibióticos. Em uma vida viram como seu uso se espalhou, como salvaram milhões de pessoas &ndash; talvez eles mesmos &ndash; e agora, como seu abuso está diminuindo sua eficácia. A ponto das infecções poderem voltar a ser uma das principais ameaças à saúde pública. &ldquo;Se extraterrestres nos olhassem do espaço se perguntariam que espécie pode ser tão estúpida. Nós humanos&rdquo;, ironizou o professor Lindsay Grayson, da Universidade de Monash (Austrália), durante o Congresso Internacional de Doenças Infecciosas, realizado durante os primeiros dias de março em Buenos Aires (Argentina). Em todos os dias do encontro ocorreram apresentações sobre a resistência aos antibióticos, um problema que em 2050 causará mais mortes do que o câncer se medidas drásticas não forem tomadas, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). E durante todo o congresso foram abordadas soluções a essa emergência sanitária. &ldquo;Se a compararmos com um incêndio, poderíamos dizer que está se expandindo sem parar. E para contê-la não precisamos só de helicópteros, mas também de barreiras&rdquo;, disse Grayson. Sua proposta é focar-se mais em conter as infecções do que em procurar métodos para vencer as resistências. &ldquo;Se não as controlarmos, o futuro será sombrio&rdquo;, afirmou. As barreiras propostas por Grayson passam por aumentar as precauções nos hospitais, os locais que costumam produzir e propagar as infecções mais graves. &ldquo;É preciso melhorar a higiene das mãos; também a limpeza do local, e isso passa por melhores condições aos que fazem esse trabalho, que são muito mal pagos; é preciso mudar o projeto dos hospitais e que exista um banheiro para cada paciente. Dirão que isso é caríssimo, mas o preço a longo prazo será maior&rdquo;, disse. O problema é que as bactérias, pelo contato com os antibióticos, seu uso equivocado e seu abuso, geram diversos mecanismos de resistência; os remédios vão perdendo eficácia e são necessários outros novos e mais tóxicos para combatê-las. Por ano, calcula-se, 700.000 morrem no mundo por esse fenômeno. Mas além de evitar as infecções, existem outras aproximações para lidar com essa questão. Um dos grandes problemas é que o gado recebe quantidades enormes de antibióticos. Mesmo seu uso para potencializar o crescimento sendo proibido na União Europeia, muitos outros países continuam a fazê-lo. A recomendação da OMS é erradicar essa prática e restringir o uso dos antibióticos a animais que estejam realmente doentes. Estudos moleculares, entretanto, mostraram que a transmissão direta das resistências de animais a humanos pode ser menos importante do que outras, como as que ocorrem no contágio entre pessoas. Os resíduos que a indústria farmacêutica lança em suas fábricas na China e Índia são apontados como outra fonte de resistências. Ainda que faltem mais pesquisa para se conhecer a natureza do problema em sua totalidade, como mostra um estudo recente, no congresso realizado em Buenos Aires os pesquisadores centraram-se no uso de antibióticos por parte de profissionais e seus pacientes. &ldquo;O problema nos animais não deve nos distrair da ação que devemos realizar na saúde humana, o uso racional de medicamentos e a prevenção de infecções&rdquo;, pediu Alison Holmes, especialista sobre o assunto no Reino Unido.

A regra básica ainda custa a se espalhar: só devemos tomar esse tipo de medicamento se for prescrito por um médico. E não são eficientes contra os vírus, de modo que nada fazem contra uma gripe e um resfriado, ao contrário do que acredita quase metade dos europeus, de acordo com várias pesquisas. Holmes pediu para que sejam os profissionais da saúde a liderar essa conscientização, com menção especial à enfermagem. &ldquo;É o mais numeroso grupo de profissionais: é preciso melhorar seu papel no momento de se prescrever antibióticos&rdquo;, disse. Além das campanhas e da conscientização, que os especialistas consideram crucial, no congresso falou-se do papel da tecnologia para melhorar as doses de antibióticos. &ldquo;É algo a que não prestávamos muita atenção, prescreviam-se três por dia e pronto; e tradicionalmente a mesma dose é administrada a todos os pacientes, independentemente de seu peso, seu tamanho, suas características particulares&rdquo;, disse a microbiologista Ursula Theuretzbacher. Mas de acordo com o tipo de remédio, a maneira de agir é diferente. Costumam adquirir uma presença mínima para sua efetividade e a absorção do corpo geralmente não é uniforme, ocorre um pico que baixa conforme o passar do tempo. Dependendo do caso, pode ser melhor uma dose mais baixa, mas contínua. Usar as quantidades exatas, nem mais nem menos, é importante, já que as bactérias podem acabar gerando resistências tanto pelo abuso como por quantidades insuficientes para eliminá-las totalmente. Por essa razão insiste-se tanto em completar as prescrições mesmo que os sintomas tenham desaparecido. As tecnologias existentes permitiriam, especialmente nos casos mais graves, monitorar a quantidade do princípio ativo necessitada em cada momento, de acordo com Holmes. &ldquo;Temos os sensores, o monitoramento, capacidade para adaptação em tempo real da dosagem. Podemos até administrar o medicamento de maneira não invasiva, com microagulhas&rdquo;, disse. Esse método, entretanto, que não está generalizado, provavelmente nunca será adequado para todos que precisem de antibióticos. Há outras maneiras para ajustar melhor a dose do que simplesmente receitar três por dia. Theuretzbacher propõe um software que, ao se introduzir parâmetros simples, indique as quantidades e número de doses diárias adequadas a cada paciente. São só algumas iniciativas para abordar um problema que pode custar 10 milhões de vidas por ano em 2050, de acordo com a OMS. A comunidade internacional o discute desde 2016 nos níveis mais altos. &ldquo;É uma ótima notícia que esteja na agenda pública&rdquo;, frisou Holmes. E o certo é que, ao não abordá-lo, muitos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a agenda que a ONU colocou em andamento para conseguir um mundo melhor, acabarão em nada. Esta notícia foi publicada em 12/03/2018 no site [brasil.elpais](http://brasil.elpais.com). Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.